

Universidades

www.jornaleconomico.pt

Boletim de informação académica



© UC | Marta Costa

CIÊNCIA

Universidade de Coimbra dá pulo na investigação biomédica com investimento de 25 milhões

O edifício UC Biomed vai acolher o Instituto Multidisciplinar do Envelhecimento, que será o primeiro grande centro de referência do sul da Europa na investigação em longevidade.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

A Universidade de Coimbra vai ter uma infraestrutura que lhe permite colocar-se na vanguarda da investigação no envelhecimento ativo. O Instituto Multidisciplinar do Envelhecimento (MIA), assim se designa, ficará instalado no UC Biomed, que será futuramente o maior e mais complexo edifício da mais antiga Universidade portuguesa. “Foi preciso muita gente e muita perseverança para conseguir este edifício, essencial para dar um pulo na área da investigação biomédica”, afirma Amílcar Falcão, reitor da UC.

O reitor adianta ao JE Universidades que o investimento total ronda os 25 milhões de euros, dos quais 15% assumidos pela Univer-

sidade. O financiamento, explica, não envolve verbas do Plano de Recuperação e Resiliência, mas, sim, do PT2020, com eventual extensão para o PT2030.

A primeira pedra do UC Biomed foi lançada a 25 de outubro de 2021, na presença dos ministros da Ciência, Manuel Heitor, e da Coesão Territorial, Ana Abrunhosa, prevendo-se a sua conclusão no final do primeiro semestre de 2023. O projeto é da responsabilidade do gabinete de Arquitetura da arquiteta Inês Lobo e o edifício conta com a classificação “mais elevada do ponto de vista de eficiência energética”, segundo revela Amílcar Falcão.

Sonhado por Fernando Seabra Santos e João Gabriel Silva, o UC Biomed é concretizado mais de duas décadas depois por Amílcar Falcão. Fica localizado no Polo 3,

das Ciências da Saúde, ocupa uma área bruta superior a 12 mil m² e conta com laboratórios de investigação, plataformas tecnológicas de apoio à investigação e o biotério da Universidade de Coimbra.

“Vamos ter condições neste edifício para fazer coisas que hoje não conseguimos fazer”, salienta o reitor, adiantando que o projeto está

O edifício conta com a classificação mais elevada do ponto de vista da eficiência energética e o projeto arquitetónico é da responsabilidade do gabinete da arquiteta Inês Lobo

a seguir o cronograma aprovado na candidatura. “Temos já alguns grupos de investigação em constituição e encontra-se para breve a contratação do futuro diretor científico”, diz.

O Instituto Multidisciplinar do Envelhecimento é a obra dentro da obra. Será o primeiro grande centro de referência do sul da Europa na investigação do envelhecimento, acolhendo estudantes de doutoramento e eventualmente até de mestrado. “Faz parte do próprio projeto MIA-Portugal dinamizar oferta formativa específica no âmbito do envelhecimento ativo e saudável”, avança Amílcar Falcão. O envelhecimento ativo está inscrito na agenda internacional e visa responder aos problemas da maior longevidade e da importância da saúde das pessoas. É incontornável no futuro. ■

OPINIÃO

Para Elvira Vieira, diretora geral do ISAG, é crucial o país reter o capital humano ■ P2

SUSTENTABILIDADE

Universidades e politécnicos dão o exemplo no ambiente

Nas quatro instituições que visitámos há dezenas de medidas para serem implementadas em 2022. ■ P2

ENTREVISTA

Espero deixar uma Universidade Politécnica verde, digital e inclusiva”



Maria José Fernandes
Presidente do IPCA

Avança para o segundo mandato fiel à estratégia de crescimento sustentável e à ligação estreita com alunos, empresas, municípios e região. ■ P4

PME

IPLeia lidera projeto europeu de economia circular ■ P6

OFERTA FORMATIVA

Iscte lança curso que faz simbiose entre gestão e tecnologias

O Mestrado Profissionalizante em Tecnologias Digitais para o Negócio arranca em março, dura um ano e o trabalho de tese é realizado em empresas. ■ P8

OPINIÃO

A retenção do Capital Humano como resposta para o desenvolvimento de Portugal



Elvira Vieira

Diretora-geral do ISAG – European Business School

Das pequenas esferas empresariais até às maiores instâncias nacionais, a valorização do Capital Humano tem sido crescente. Analisar e potenciar as capacidades e os conhecimentos daqueles que constituem a força de trabalho, passou a ser visto como terreno fértil para a especialização e inovação. Contudo, em Portugal, não tem sido suficiente ao ponto de evitar a permanente exportação de talento. Estaremos a comprometer todos os esforços na qualificação académica e profissional dos nossos Recursos Humanos?

Existem vários indicadores e exemplos que denotam os investimentos que têm sido e estão a ser feitos no sentido de aumentar as qualificações dos portugueses. Apesar de apontar alguns desafios ao setor, o “Monitor da Educação e da Formação de 2021”, divulgado pela Comissão Europeia, refere diversos mecanismos e programas de modernização do Ensino português, para além de destacar um aumento no financiamento que inverte a quebra da última década. No que concerne ao Ensino Superior, este relatório ressalva que, entre 2010 e 2020, aumentou de 25,5% para 41,9% o número de diplomados dos 25 e os 34 anos, aproximando-se este valor da meta de 45% definida para 2025.

Para além de estar a formar mais pessoas, Portugal está a garantir-lhes maior diversidade, qualidade e rigor, sobretudo, nos mais altos níveis de Ensino. Isto resulta, entre outros fatores, de uma Academia robusta e também atenta ao ritmo das rápidas mudanças que o mercado e os próprios estudantes lhe exigem. Dessas mudanças, vão surgindo modelos de ensino mais próximos, práticos, digitais e glo-

bais, que contribuem para o desenvolvimento integrado de cada estudante nas dimensões académica, profissional e pessoal.

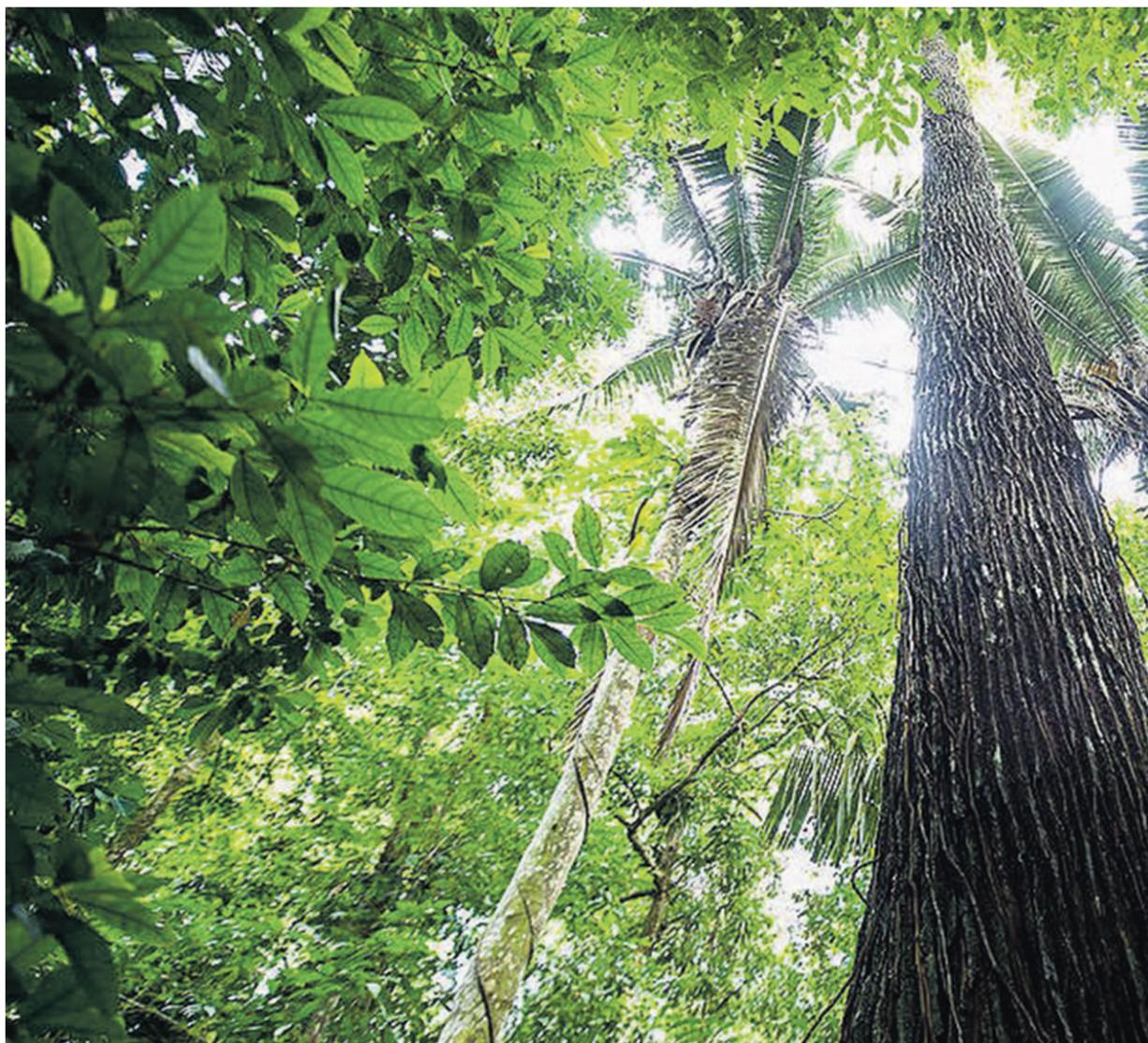
Social e economicamente, Portugal precisa deste Capital Humano qualificado e especializado, pois reside nele a capacidade de acrescentar valor, diferenciar e fazer crescer o país. Porém, a valorização que já foi alcançada ao nível da formação não tem, muitas vezes, continuidade a nível profissional. Seja pelos baixos níveis remuneratórios, pelas condições pouco atrativas ou pela falta de perspetivas de progressão, profissionais dos mais diversos setores veem-se impelidos a procurar oportunidades noutros mercados, não apenas pela vocação para uma carreira internacional, mas pela frustração gerada por uma carreira instável e estagnada em Portugal. Por conseguinte, não fica apenas o prejuízo do investimento já realizado em formação, mas, sobretudo, as consequências graves que este êxodo profissional pode representar no futuro do nosso país.

É fundamental que Portugal seja capaz de manter o seu Capital Humano, começando por estimular as empresas para que consigam criar novas oportunidades, valorizar os seus profissionais, definir metodologias de retenção de talento e de progressão de carreiras.

As pessoas sempre foram o principal motor da economia e devem voltar a estar no centro das estratégias das empresas, sob pena de, caso isso não se verifique, perdermos competitividade perante um mercado global cada vez mais exigente. ■



É fundamental que Portugal seja capaz de manter o seu Capital Humano, começando por estimular as empresas para que consigam criar novas oportunidades



FUTURO

Universidades e politécnicos dão o exemplo no ambiente

O JE Universidades foi medir o pulso ao compromisso do ensino superior com o desenvolvimento sustentável e encontrou dezenas de medidas que vão ser implementadas em 2022.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

As instituições de ensino superior são um farol da sociedade. “Podem e devem liderar a luta pela construção de um novo modelo de sociedade, que não comprometa o futuro”, afirma Amílcar Falcão, reitor da Universidade de Coimbra, ao JE Universidades. Essa liderança, explica, “não passa

apenas pela produção de conhecimento de elevada qualidade e pela sua partilha com a sociedade, mas também pela aplicação de medidas exemplares”.

No início de 2022, um ano que se afigura tão decisivo como os próximos para a sobrevivência futura do Planeta e da Humanidade, o JE Universidades visitou três Universidades — Minho, Aveiro e Coimbra — e o Politécnico de Setúbal e mediu o pulso ao seu com-

promisso com o ambiente, um dos pilares do tripé da sustentabilidade.

“Temos fomentado uma política de I&D que investe na criação de produtos e processos mais eficientes e formas de organização mais eficazes que concorram para uma melhor utilização dos recursos”, afirma Alexandra Isabel Cardador de Queirós, vice-reitora para as Políticas para a Cultura e a Vida nos Campi da Universidade de



Unsplash

Aveiro (UA), ao JE Universidades. Na área do ensino, adianta, “temos apostado em abordagens e metodologias pedagógicas inovadoras, orientadas para a transmissão do conhecimento e das valências necessárias à promoção do desenvolvimento sustentável”.

Paralelamente à investigação desenvolvida para responder aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, adianta Alexandra Queirós, a UA tem vindo a implementar um conjunto de ações de cidadania ambiental como forma de consciencializar a sua comunidade, sobretudo pelo exemplo. Nessa linha, 2022 conhecerá novas ações. Exemplos? A frota. Vai ser reforçada com a aquisição de dois veículos elétricos. Vários equipamentos antigos vão ser substituídos por outros mais eficientes. Ficará concluída a implementação do sistema de gestão de resíduos com recolha porta-a-porta. Em 2022 vai, ainda, “aumentar o parque de fotovoltaicos nos campi da UA para consumo e produção de energia”, revela a vice-reitora.

No ranking GreenMetric World University de 2021 sobre práticas de sustentabilidade, a UA surge na 177.ª posição em 956 instituições, sendo a segunda universidade portuguesa melhor posicionada. A primeira é a Universidade do Minho, que ocupa o 88.º lugar no mundo. Sobressai nos indicadores de energia e alterações climáticas, resíduos, educação e investigação.

O tema tem lugar destacado no programa de ação de Rui Vieira de Castro, recentemente reeleito rei-



Rui Vieira de Castro
Reitor da Universidade do Minho



Carlos Mata
Vice-Presidente do Politécnico de Setúbal



Alexandra Isabel Cardador de Queirós
Vice-Reitora da Universidade de Aveiro



Amílcar Falcão
Reitor da Universidade de Coimbra

tor para 2021-2025. “Pretendemos melhorar a qualidade de vida das pessoas nos campi, criando ambientes de trabalho adequados, incrementando a qualidade da infraestrutura física e dos espaços exteriores, diversificando a oferta cultural e desportiva, promovendo práticas inclusivas e de sustentabilidade ambiental”. A vasta lista de exemplos inclui: finalizar e concretizar os planos de desenvolvimento integrado dos campi; qualificar o património edificado e natural; promover hábitos saudáveis entre a comunidade; realizar ações de sensibilização para combater o desperdício de recursos e utilizar tecnologias para tornar os espaços mais eficientes e sustentáveis para ensinar, investigar e estudar.

O Politécnico de Setúbal chama a si a responsabilidade de ser “um parceiro relevante na região de Setúbal” na formação de “cidadãos socialmente responsáveis, dotados de competências técnicas e transversais adequadas”. Carlos Mata, vice-presidente do IPS para a Sustentabilidade e Responsabilidade Social, diz ao JE Universidades que a adoção de práticas adequadas de sustentabilidade “continuará a não se confinar aos campi”, dado que se trata de “um processo coletivo de construção, à escala regional”. São várias as iniciativas previstas para 2022 neste sentido. Destaque para o aumento dos espaços verdes, com a plantação de espécies autóctones da Serra da Arrábida, o desenvolvimento de eco-trilhos nos campi e a criação de hortas comunitárias que contribuam para a produção sustentável de alimentos. Estas ações serão levadas a cabo em colaboração com as escolas secundárias e profissionais do distrito. O Politécnico de Setúbal vai igualmente manter a tónica no desenvolvimento da biodiversidade, através da Estação da Biodiversidade do campus de Setúbal e dos “bioshots” no campus do Barreiro.

Na investigação, a dinâmica é idêntica. Carlos Mata revela que no âmbito da Universidade Europeia E³UDRES², que o IPS integra, “está previsto o desenvolvimento de trabalhos em áreas ambientais, como o Estuário do Sado, explorando sinergias com parceiros institucionais”.

A Universidade de Coimbra tem há anos um compromisso muito sólido com o ambiente, não sendo por acaso que em 2021 foi distinguida pelo Times Higher Education Impact Ranking como a instituição de ensino superior mais sustentável de Portugal e a 21.ª a nível mundial.

O reitor da UC, Amílcar Falcão, diz ao JE Universidades que em 2022 terão continuidade as ações mais significativas dos últimos anos com várias metas à vista. Destacamos a eliminação do uso de plástico, a diminuição drástica do uso de papel, a promoção da gestão de resíduos e da eficiência energética e a aplicação de programas contra o desperdício alimentar. A Universidade também almeja expandir a produção de energia solar fotovoltaica pelos diversos polos universitários. ■

OPINIÃO

Empreendedorismo, uma resposta darwinista ao insucesso



Nadim Habib
Professor de Entrepreneurship and Business Project no The Lisbon MBA Católica | Nova

Vivemos num mundo onde a mudança está a acelerar e isto está a gerar oportunidades e ameaças para organizações e pessoas. Essencialmente, a forma como vemos as nossas organizações, a forma como as criamos e a forma como as gerimos e desenvolvemos está a mudar, fazendo com que os empresários e gestores precisem de compreender os fatores-chave que estão a impulsionar a mudança e em que se devem focar para serem bem-sucedidos neste novo mundo.

Empreendedorismo - uma resposta darwinista ao insucesso.

O empreendedorismo é essencialmente uma resposta ao insucesso. Uma empresa falha com os consumidores, inspirando um empreendedor a construir algo melhor; o mercado de trabalho falha na criação de empregos, por isso as pessoas decidem criar o seu próprio; uma empresa global falha em ver como a tecnologia pode melhorar a proposta de valor ao cliente e uma startup preenche esta lacuna. Acelerar a mudança significa acelerar o insucesso, o que está a criar oportunidades crescentes para os empreendedores, uma vez que as empresas com uma gestão mais fraca, menos talento e más práticas irão falhar com mais frequência. Estamos assim num mundo de oportunidades emocionantes, mas também de insucessos desoladores.

Muitos empreendedores preocupam-se com o financiamento e com a gestão de capital, com consumidores e clientes, mas a realidade é que a maioria pode ganhar tração precoce para a sua startup. Portanto, crescer e escalar o negócio são os verdadeiros desafios que este enfrenta, sendo que isso dependerá da sua capacidade de construir práticas

de gestão sólidas no seu negócio. Devem construir uma boa gestão na sua empresa para assegurar que esta se adapta continuamente a um mundo em mudança. Sem uma boa gestão, as grandes ideias tornam-se maus negócios.

É óbvio que, nesta realidade, melhores qualificações de gestão aumentam significativamente a probabilidade de sucesso de qualquer startup, não só porque ganhamos uma melhor compreensão da ciência e processos da gestão, mas também devido às redes de amigos e conhecidos que construímos enquanto aprendemos. Quanto mais aprendo, melhor me torno na construção de uma organização que pode crescer, prosperar e ser bem-sucedida num mundo marcado de mudanças.

Muitos destes desafios estão incorporados no processo de aprendizagem do MBA de Lisboa. Em primeiro lugar, uma sólida visão geral da construção, funcionamento e escalada das organizações, e em segundo lugar, uma perspetiva crítica da mudança e de como esta pode ser transformada em vantagens competitivas. Finalmente, através da rede de estudantes e ex-alunos que partilham a mesma experiência de aprendizagem. ■



Acelerar a mudança significa acelerar o insucesso, o que está a criar oportunidades crescentes para os empreendedores, uma vez que as empresas com uma gestão mais fraca, menos talento e más práticas irão falhar com mais frequência

ENTREVISTA | **MARIA JOSÉ FERNANDES** | Presidente do IPCA - Instituto Politécnico do Cávado e do Ave

“Espero deixar uma Universidade Politécnica verde, digital e inclusiva”

No início do seu segundo mandato à frente do IPCA, Maria José Fernandes reafirma a fidelidade à matriz e a continuidade da estratégia de crescimento sustentável, respondendo às necessidades de formação da população, das empresas e da região.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

Maria José Fernandes está a tornar o IPCA - Instituto Politécnico do Cávado e do Ave cada vez mais relevante dentro e fora do Minho, onde se insere. Chegou à presidência em 2017 e em quatro anos fez crescer o número de alunos, professores e pessoal não docente, alargou e diversificou a oferta educativa e as parcerias e criou duas novas escolas, que já estão em funcionamento – a Escola Superior de Hotelaria e Turismo e a Escola Técnica Superior Profissional. Até 2025 continuará a espalhar a sua marca fazedora, uma vez que tem pela frente um segundo mandato. A sua dinâmica e ambição fazem dela a pessoa certa no lugar certo.

Como olha a presidente do IPCA para a função?

Quais são as suas competências e preocupações?

Gerir uma Instituição de Ensino Superior, nos dias de hoje, é um desafio constante e com a obrigação de ter o olhar atento a tudo o que nos rodeia e influencia, compreendendo a forma como podemos e devemos também influenciar o meio em que atuamos. Os novos desafios de hoje são oportunidades concretizadas amanhã. Esta capacidade de transformar desafios em oportunidades exige uma atuação responsável, comprometida e sustentável nos vários eixos e dimensões que caracterizam a nossa missão, em que a valorização do capital humano é a chave central de toda a atuação.

No início dos anos noventa do século XX, a região do Vale do Ave, onde se insere o Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, viveu uma crise económica e social de grande dimensão. O Instituto nasceu em 1994.

Que papel desempenhou na recuperação da região?

A educação é um pilar fundamental para o desenvolvimento da comunidade e das regiões. Vivemos numa sociedade centrada na informação e no conhecimento e neste contexto é crucial, quer para as pessoas, quer para o país, que se

atinjam níveis cada vez mais elevados de formação graduada e de formação ao longo da vida. Só desta forma conseguiremos ter uma sociedade económica, social e culturalmente desenvolvida. É neste âmbito que o IPCA trabalha, desde 1994, no sentido de proporcionar a melhor formação aos seus estudantes, ao mesmo tempo que procura dar resposta às necessidades da região onde está inserida, e do próprio país – aliás este tem sido o nosso propósito desde o início. Desde logo a comissão instaladora começou a idealizar os primeiros cursos da Escola Superior de Gestão, com a visão estratégica das áreas de formação que eram necessárias na região em complementaridade com o que já era oferecido percebendo também que, para responder às necessidades de qualificação da população adulta, teria de oferecer bacharelatos em regime pós-laboral.

O que representa o IPCA para o desenvolvimento futuro do Minho?

O IPCA é uma instituição dinâmica e ambiciosa, em constante crescimento. Com forte aposta na ligação às empresas, seja através de oferta educativa que lhes seja útil, como no desenvolvimento de investigação aplicada e apostando na internacionalização. É, por isso, um parceiro estratégico na formação de jovens e adultos profissionais altamente qualificados, assim como na transferência de conhecimento e sua aplicação na resolução



O IPCA é uma instituição comprometida com as empresas, quer através de oferta educativa que lhes seja útil, como do desenvolvimento de investigação aplicada e a aposta na internacionalização

de questões/problemas propostos pelo tecido económico e social. Somos reconhecidos como uma instituição com impacto muito significativo nas regiões onde nos inserimos.

Onde se localiza?

O IPCA nasceu em Barcelos, mas nos dias de hoje, já se estende a Braga, onde está a sede da Escola Técnica Superior Profissional; Guimarães (no Avepark), Vila Nova de Famalicão e, este ano, chegou a Esposende, em instalações provisórias para já. Este alargamento em infraestruturas e em oferta educativa proporciona aos jovens, e à população ativa, a possibilidade de tirar um curso superior devido à proximidade e aos regimes de ensino praticados – laboral, pós-laboral e ensino a distância –, assim como a possibilidade de responder às necessidades das empresas e instituições locais. Acresce ainda, o facto do IPCA ser uma das sete instituições portuguesas integradas num dos 24 consórcios aprovados pela Comissão Europeia como Universidades Europeias.

Quais são as suas grandes temáticas do IPCA? Alguma nova aposta na forja?

O IPCA orgulha-se de ser uma referência a nível nacional em áreas como a Contabilidade e Fiscalidade, o Design e a Tecnologia. Está, também, a crescer no domínio da Hotelaria, Turismo e Marketing, com a construção da Escola-Hotel que será distintiva em relação a tudo aquilo que existe em Portugal. Simultaneamente, tem uma oferta muito alargada de Cursos Técnicos Superiores Profissionais, que respondem às necessidades identificadas no constante diálogo que temos com as empresas e o meio industrial. Por outro lado, procuramos que a formação dos nossos estudantes não termine quando eles finalizam a sua licenciatura ou o mestrado. Investimos ainda na formação executiva, visando a atualização e aquisição de novas competências.

E na investigação?

Ao nível da investigação, desenvolvimento e inovação (I&D+i), o

IPCA tem três centros: o Centro de Investigação em Contabilidade e Fiscalidade (CICF), o Applied Artificial Intelligence Laboratory (2Ai) e o Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura (ID+), este último em colaboração com a Universidade de Aveiro e a Universidade do Porto. O IPCA promove uma política de I&D+i claramente alinhada e articulada com a estratégia de especialização inteligente da região e do país, de forma a canalizar os recursos disponíveis para o desenvolvimento de atividades de I&D+i com impacto no desenvolvimento sustentável e na melhoria da qualidade de vida das pessoas. Para responder aos desafios sociais, o IPCA atua seguindo uma abordagem colaborativa e de cooperação com todas as entidades do tecido económico e social da região, envolvendo professores, investigadores e estudantes, de forma a potenciar as atividades de I&D+i desenvolvidas e aumentar a sua utilidade social, no contexto nacional e internacional. Neste sentido, e conscientes da necessidade de crescer na área da investigação, vai nascer o B-CRIC (Barcelos Collaborative Research and Innovation Center) no terreno, adquirido pelo Município de Barcelos, onde edificaremos, entre outros equipamentos, este espaço dedicado à investigação, valorização e transferência de tecnologia. O complexo conta ainda com uma residência universitária, um auditório com 500 lugares, gabinetes administrativos e espaço de restauração.

Que relação tem o IPCA com o tecido empresarial da região onde se insere?

As empresas vêm ao Instituto procurar soluções para os seus problemas?

A sinergia com as empresas é fundamental e cada vez mais importante pela inovação, pela criação de talento e pelo desenvolvimento económico e social da região, é um vetor que tem atravessado os 27 anos do IPCA. Procuramos ajustar a nossa oferta educativa às necessidades e evolução das empresas da região, através de um profundo trabalho no terreno. Alguns dos nossos cursos são, inclusive, pro-





Foto Cedida

movidos em parceria com empresas, decorrendo a componente prática nas instalações destas, tal como acontece com o CTeSP em Soldadura Avançada, cujas aulas são lecionadas na Bysteel (DSTGroup). Para além da educação superior orientada para as necessidades das empresas, a oferta do regime pós-laboral permite melhoria das competências dos recursos humanos, promovendo também assim a fixação de talento na região.

Este ano, dando continuidade à sua estratégia de expansão e serviço ao território, o IPCA alargou a sua oferta letiva a Esposende, que embora ainda em instalações provisórias, está em concurso lançado pela Câmara Municipal de Esposende a construção o Laboratório de Inovação e Sustentabilidade Alimentar (LISA) e a escola de verão do IPCA neste município.

Qual é o retrato do corpo docente do IPCA e a qualificação dos professores?

O IPCA tem um corpo docente bastante jovem e qualificado. Os dados recolhidos para o Relatório de Atividades do ano de 2020 regista um total de 359 docentes, correspondendo a 213 ETIs. Em 2021, este número aumentou substancialmente fruto do crescimento verificado na oferta formativa. De salientar ainda o aumento de doutorados a lecionar no IPCA, em 2015, tínhamos 82 docentes com doutoramento, em 2020 contamos com 115 docentes com grau de doutor.

Quantos alunos tem?

Assistimos a um aumento global de candidaturas ao ensino superior que se tem verificado em termos gerais, não apenas no âmbito do concurso nacional de acesso, mas também no âmbito dos concursos locais que o IPCA promove para o acesso aos cursos de mestrado, o acesso aos cursos de licenciatura através dos concursos especiais (incluindo os estudantes internacionais) e o acesso aos cursos técnicos superiores profissionais. O IPCA, neste ano letivo 2021-2022 atingiu os 6100 estudantes nas várias áreas de ensino.

Quantos saem formados por ano? Onde se empregam?

Até hoje o IPCA já formou 9187 estudantes, sendo que no ano anterior, formaram-se no IPCA 1147 diplomados nos vários níveis de ensino.

Em Portugal os empresários e gestores queixam-se frequentemente que não encontram pessoas com as competências que precisam. Qual é a sua leitura da situação?

No IPCA tentamos sempre que a nossa oferta educativa vá de encontro às necessidades, quer da região, quer das empresas. Aliás, temos 35 cursos técnicos pensados para promover a rápida integração dos estudantes no mercado de trabalho e assegurar que as empresas encontram profissionais com o

perfil desejado. Uma realidade semelhante verifica-se nas nossas licenciaturas, assim como nas pós-graduações e mestrados, estes cada vez mais procurados. A pensar em todos os públicos, desde os jovens que terminaram agora o secundário ao público ativo a precisar de reciclar e afirmar conhecimentos, a nossa oferta em regime pós-laboral é cada vez mais alargada. Assim como temos de chegar aos jovens que não estão a estudar, o grupo dos “nem - nem”, ou seja, os que nem estudam nem trabalham – e cativá-los para voltar a estudar, aumentar a suas qualificações ajudando-os a inserir-se profissionalmente, por exemplo, estudar de noite e trabalhar durante o dia.

O seu primeiro mandato como presidente do IPCA ficou marcado pelo crescimento em todas as áreas: alunos, professores, pessoal, cursos, escolas, etc.

Qual é o objetivo agora?

O IPCA é hoje uma instituição consolidada, reconhecida pela qualidade da sua formação, utilidade da produção científica e transferência de conhecimento e tecnologia para a sociedade, assim como pelo seu forte contributo para o desenvolvimento sustentável do envolvente. O IPCA aumentou o número de estudantes, passando de 4100 estudantes em 2016 para mais de 6100 estudantes em 2021. Foi feito um investimento no número e na qualificação das pessoas que trabalham na instituição. Em 2016, o corpo docente do IPCA era constituído por 175 docentes a tempo integral; em 2021, em período homólogo, o número situa-se nos cerca de 300. Em síntese, o nosso objetivo é continuar a crescer de forma sustentável, respondendo à região, adaptando-nos a novas necessidades e novos desafios em compromisso com uma região de elevada população... só no quadrilátero são quase 100 mil.

Há alunos estrangeiros no IPCA? A internacionalização é uma prioridade?

Sim, temos estudantes internacionais a estudar na Instituição, sendo a internacionalização uma prioridade e ao mesmo tempo um dos grandes desafios que temos. Se visse daqui a dez anos o IPCA via-o inserido numa rede regional internacional com uma grande afirmação em algumas das suas áreas. Prova disso foi a aprovação da candidatura da RUN-EU (Regional University Network – Universidade Europeia), liderada pelo Politécnico de Leiria e envolvendo sete instituições europeias, na qual o IPCA está integrado, colocando a instituição num patamar privilegiado e de maior responsabilização no âmbito da modernização e internacionalização do ensino superior.

No ano letivo 2021/22, foram admitidos 316 novos estudantes, ao abrigo do estatuto de estudante internacional, nos vários regimes de ensino: CTeSP, licenciatura, pós-graduação e mestrado.

Que considerações lhe merece o Plano de Recuperação e Resiliência, sobretudo no que respeita ao ensino superior?

Considero que o PRR será uma oportunidade para fazer investimentos que são necessários às Instituições de Ensino Superior, investimentos não só ao nível das infraestruturas, mas também no aumento da oferta formativa para responder a desafios com que o país está confrontado, designadamente, aumentar as qualificações da população adulta e dos jovens nas áreas das STEAM (Ciências, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática). No caso concreto do IPCA, temos já aprovada a candidatura para estas duas áreas no valor de 9,7 milhões de euros. Permitirá, ainda, avançar com a construção da residência académica, com cerca de 300 camas, uma obra estruturante e que nos permitirá acolher mais e melhor os estudantes deslocados, quer os nacionais, quer os internacionais.

Qual o peso da palavra sustentabilidade na Escola?

O IPCA pretende ser uma verdadeira alavanca para o cumprimento dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, tendo como objetivo estratégico mobilizar toda a comunidade em torno do conjunto de objetivos e metas comuns aí estabelecidos e promover a convergência em todas as suas áreas de atuação. Nos próximos anos, intensificaremos as medidas e práticas que garantam um Campus sustentável e socialmente responsável.

Quando em 2025 terminar o mandato, onde gostaria de ver o ensino superior politécnico?

No final do meu mandato quero, e estou muito esperançosa que a designação dos Institutos Politécnicos seja alterada passando a designar-se Universidade Politécnica, e ainda que os politécnicos possam atribuir o grau de doutor, que neste momento não nos é possível. No entanto, face ao crescimento e reconhecimento da investigação que se promove nas instituições politécnicas faz todo o sentido, pois acabamos por ser penalizados por esta limitação.

E o IPCA, onde quer que esteja, nessa altura?

No que se refere ao IPCA, espero deixar uma Universidade Politécnica verde, digital e inclusiva envolvida e comprometida com as autarquias locais e todo o tecido económico, empresarial e social. Um Politécnico que dá cartas no panorama nacional e internacional, quer ao nível da oferta formativa, quer na investigação e na investigação aplicada. Um Politécnico que reconhece que o seu papel não é só a co-criação de conhecimento, mas também formar jovens e adultos capazes de responder aos desafios vindouros, pelo que a aposta no desenvolvimento de competências transversais (soft skills) será uma constante. ■

UNIVERSIDADE-EMPRESA

IPLeiria lidera projeto europeu de economia circular em PMEs

ReinovaSi tem como objetivo ajudar micro e pequenas empresas do sector agroalimentar a valorizar e tirar proveito dos resíduos e subprodutos, através de processos de produção sustentáveis, criando uma economia circular. O projeto envolve centros de investigação, incubadoras e acompanha 14 empresas portuguesas e espanholas. Termina em março de 2022.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

As cascas de laranja cristalizada voltam à mesa na decoração do bolo rei quase tão vibrantes como quando deixaram o pomar. Na laranja, tudo pode ser reaproveitado, desde a casca ao caroço. O mesmo acontece com a maioria das frutas. O lixo que na economia linear do produz-utiliza-deita fora é produzido em quantidades avassaladoras, torna-se um recurso valioso na economia circular, o novo paradigma de produção e consumo que o mundo tem que construir se quer ser sustentável.

Em Portugal, o conceito ganha tração e a academia contribui para isso, com conhecimento e expertise. “A nossa ideia é tentar ajudar as empresas a valorizar os resíduos, mas sobretudo capacitá-las acerca das potencialidades da Economia Circular”, afirma Eduarda Fernandes, professora da Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Leiria, e investigadora do Centro de Investigação Aplicada em Gestão e Economia (CARME), coordenadora do projeto ReinovaSi, ao Jornal Económico. “Com base naquilo que vier dos laboratórios após a análise do resíduo, vamos perceber qual é a melhor solução e, a seguir, ajudar a empresa a perceber se é viável vender esse produto e se sim, qual é o posicionamento que deve ter no mercado”, explica.

ReinovaSi é um projeto europeu, cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional ao abrigo do Programa INTERREG



Eduarda Fernandes
professora da Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Leiria

V-A Espanha Portugal, envolvendo instituições com diferentes competências, entre as quais politécnicos, centros de investigação e câmaras de comércio. A saber: Politécnicos de Leiria e Castelo Branco, StartupLeiria, OPEN, CATAA, InovCluster, ADRAL, Câmaras de Comércio de Badajoz e de Valladolid, CTAEX, Vitartis e Itacyl.

Objetivo? Estimular o desenvolvimento de produtos e processos de produção inovadores adaptados aos princípios da economia circular nas

Pequenas e Médias Empresas (PME) do sector agroalimentar. “Este projeto e este financiamento permitem que empresas muito pequenas consigam ter acesso a um tipo de apoio que de outra forma seria impossível”, salienta Eduarda Fernandes.

O projeto arrancou no segundo semestre de 2019 e terminará em março de 2022, decorrendo a maior parte durante a pandemia da Covid-19, o que causou alguns constrangimentos dado o elevado número de entidades envolvidas. A fase de diagnóstico incluía visitas às empresas e muitas outras atividades que foram obrigadas a transitar para o digital. A coordenadora assinala igualmente as dificuldades que o processo colocou às empresas, mas sublinha a resiliência e empenho de parte a parte.

Na linha de partida alinharam dezenas de empresas, das quais 32 entraram na fase inicial, na sua maior parte unidades de pequena dimensão e micro empresas que desenvolvem atividade em subsectores como a fruta e produtos específicos como licores, coalho, derivados de cereais e aloé vera. À fase final passaram 14, metade das quais originárias das três regiões portuguesas participantes: Leiria, Castelo Branco e Évora. A saber: JDR & Filhos, Frutóbidos, CBS Fruit, Casa Agrícola Francisco Esteves, Gama de Matos, Sereno & Fonseca e AgroFiap. As espanholas são oriundas das regiões de Valladolid e Badajoz.

Eduarda Fernandes conta que o ReinovaSi surge na sequência dos resultados obtidos no projeto Reinova, posto de pé com os mesmos

Economia circular: um paradigma em construção

A economia circular é um novo paradigma em construção, que se afirma dia após dia como alternativa à economia linear, que assenta no princípio “produz-utiliza-deita fora”; sorvedouro ilimitado de materiais e energia. Este novo modelo de produção e consumo envolve a partilha, o aluguer, a reutilização, a reparação, a renovação e a reciclagem de materiais e produtos existentes, enquanto possível. O alargamento do ciclo de vida dos produtos, implica, na prática, a redução do desperdício ou dos resíduos ao mínimo. Só na União Europeia, onde habitam cerca de 450 milhões de pessoas, são produzidos anualmente 2,5 mil milhões de toneladas de lixo.

parceiros entre 2017 e 2019 e que produziu 37 produtos inovadores de PMEs agroalimentares.

Numa altura em que já avista a meta, a professora do Centro de Investigação Aplicada em Gestão e Economia do IPLeiria não esconde o seu desejo: “A minha expectativa é de que estas empresas consigam ver no final o valor que é serem mais circulares, que consigam perceber que isto não é só bom para o ambiente, mas é também bom para elas e que daqui por dois ou três anos possam estar no mercado com novos produtos, ou, pelo menos, sendo mais eficientes naquilo que fazem em consequência da sua participação neste projecto”. Esse seria de facto o grande ganho. ■

ESTUDO DE IMPACTO

Notas sobem no Politécnico de Lisboa durante a pandemia

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

A pandemia da Covid-19 trouxe disrupção ao ensino superior, obrigando as instituições a adaptar novas metodologias de ensino-aprendizagem e adotar métodos de avaliação distintos. Essa alteração teve impacto no desempenho académico? Este foi o ponto de partida do Politécnico de Lisboa. A instituição analisou uma amostra de 5.772 estudantes inscritos em quatro ou mais unidades curriculares, matriculados em 2018/2019 que

tinham continuado o percurso académico nos dois anos letivos seguintes e a resposta foi afirmativa. Os resultados preliminares a que O JE Universidades teve acesso revelam que a classificação média por estudante cresceu 0,8 valores em 2019/21 face a 2018/19. A maior incidência deu-se na área das Tecnologias, com um acréscimo de 1,1 valores.

Segundo o estudo, 57% dos alunos na área das tecnologias subiram a nota neste período pandémico, pese embora os aumentos nas áreas das Ciências Sociais (48%) e das Artes (45%)



também sejam significativos.

O estudo aponta ainda para o facto da variação positiva ser mais acentuada nos estudantes inscritos no regime diurno do que no pós-laboral. Nas variáveis sexo, idade, benefício de bolsa de estudo e se está deslocado da residência, também analisadas, não se verificam diferenças assinaláveis.

“Resultados académicos em tempos de pandemia” foi realizado entre setembro e outubro de 2021 a partir das bases de dados das oito escolas do Politécnico de Lisboa, que operam nas áreas das Ciências Sociais, Artes e Tecnologias. ■

Reconhecimento

Melhor professor de finanças do mundo é português

Mais um português a projetar o nome do país no mundo: Manuel Rocha Armada, professor catedrático da Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho, foi eleito o melhor professor do mundo na área de finanças. A distinção ocorreu, recentemente, na Conferência Internacional de Investigação em Finanças, organizada pelo Indian Institute of Finance. O júri, que o escolheu num universo de 47 países, elogiou-lhe os contributos “socialmente relevantes em consequência da sua investigação e da sua docência em diversos países, das diversificadas parcerias desenvolvidas e dos inúmeros cargos

desempenhados a nível nacional e internacional”. Natural de Melgaço, a viver em Braga, Manuel Rocha Armada espalha o seu conhecimento e experiência pelo mundo enquanto professor convidado e visitante de uma dezena de Universidades: Bérgamo, em Itália, Saragoça e Santiago de Compostela, em Espanha, Agostinho Neto, em Angola, MIT, na Tunísia, e nas brasileiras Mackenzie, São Paulo, Unisinos, Getúlio Vargas, PUC-Rio e PUC-Paraná. Anteriormente, presidiu à Portuguese Finance Network, que cofundou, e à Associação Europeia de Gestão Financeira. O seu nome surge igualmente

associado à organização de eventos mundiais prestigiados. Em junho de 2022 terá sob a sua alçada mais um: a 29.ª Global Finance Conference, que a Universidade do Minho acolherá e que trará, ao campus de Braga, Robert Engle, Prémio Nobel da Economia de 2003, como orador principal. É o terceiro Nobel que Rocha Armada convida para iniciativas organizadas pela sua Universidade. Em 2019, trouxe a Portugal, Robert Merton, do MIT, e oito anos antes William Sharpe, da Universidade de Stanford. “Estou muito feliz e, em alguma medida, surpreendido” — confessou ao saber da distinção pelos pares que, no fundo, nos orgulha a todos. *AR*



Foto Cedida

Breves

Reitora do ISPA recebe Prémio Carreira da Ordem dos Psicólogos



Isabel Leal, psicóloga clínica, psicoterapeuta e reitora do ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida foi agraciada pela Ordem dos Psicólogos Portugueses com o Prémio Carreira Sul 2021. Foi escolhida por unanimidade e com pontuação máxima em todos os critérios. Doutorada pela Universidade Católica de Louvain, Isabel Leal desenvolveu atividade profissional no âmbito do Ministério da Saúde, nos Hospitais Cívicos de Lisboa e na Maternidade Dr. Alfredo da Costa, onde fundou e coordenou o Dep. de Psicologia Clínica. Foi conselheira da Comissão de Luta contra a Sida, consultora do Projecto de Promoção da Saúde Mental na Gravidez e na Primeira Infância, da DGS e presidente da Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde e do júri do Prémio Madalena Barbosa, da Câmara de Lisboa, que promove a igualdade de género. Tem 45 livros publicados como autora e editora e 227 artigos em revistas científicas.

Estudante do Politécnico de Leiria brilha em Espanha

Ana Rita Manique, mestranda em Design de Produto da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha do Politécnico de Leiria, foi uma das premiadas na 8.ª edição do espaço “Cubos das Tentações”, do Festival Internacional de Gravação e Arte sobre Papel de Bilbao. O prémio consiste numa residência artística na Fundação CIEC, na Corunha.

Aluno da UÉ traz prémio da National Geographic para Portugal

Victor Carvalho trouxe para Portugal, pela primeira vez, o Prémio Lanzendorf - National Geographic, com a ilustração de um dinossauro carnívoro do Museu da Lourinhã. O artista é aluno do mestrado em Paleontologia da Universidade de Évora e da Nova School of Science and Technology.

IGUALDADE DE GÉNERO

Técnico perpetua legado de M. Lourdes Pintasilgo

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

Helena Pereira e Maria Teresa Parreira são o rosto do sucesso das mulheres do Técnico. A antiga aluna de Engenharia Química-Industrial, ramo Tecnologia, tem uma longa e sólida carreira no ensino superior, ciência e gestão académica e científica, presidindo desde 2019 à Fundação para a Ciência e Tecnologia. Já a aluna Maria Teresa destaca-se pelo percurso académico, mas também pelo envolvimento em atividades extra curriculares em prol da Escola e dos colegas.

Helena Pereira e Maria Teresa Parreira partilham a 5.ª edição do Prémio Maria de Lourdes Pintasilgo, nas categorias de Role Model e



Débora Rodrigues / Técnico

Young Alumna, respetivamente. O prémio, criado em 2016 como tributo à engenheira e distinta aluna do Técnico, primeira mulher a exercer o cargo de primeira-ministra de Portugal, promove a igualdade de género e reconhece o papel crucial que as mulheres desempenham em todas as áreas da Engenharia.

“A participação ativa de todos para acabar com a desigualdade de género é importante, essencial e todos temos um papel”, afirmou Maria Teresa Parreira, na cerimónia de entrega do galardão. Helena Pereira confessou, por seu turno, que sempre gostou de ensinar, orientar, investigar e gerir. “Se eu puder ser modelo para alguém sê-lo-ei certamente porque é com gosto que trabalho e com genuíno interesse pelo que vai acontecendo”. ■

OFERTA FORMATIVA

Iscte lança mestrado que faz simbiose entre tecnologias e gestão

José Crespo de Carvalho revela ao JE Universidades que o curso Tecnologias Digitais para o Negócio arranca em março, dura um ano e o trabalho de tese é realizado em empresas.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

É uma das apostas do Iscte-IUL em 2022. O Mestrado Profissional em Tecnologias e Digitalização do Negócio coloca na equação importantes áreas de conhecimento e 'drivers' essenciais aos modelos de negócio do futuro e tem uma aprendizagem focada em casos práticos. "É o mestrado que faltava em Portugal na área das tecnologias e da transição digital", afirma José Crespo de Carvalho, presidente do Iscte Executive Education, ao JE Universidades.

O mestrado é, segundo o professor, a simbiose perfeita entre tecnologias e gestão e "trata dos problemas de liderança, gestão de equipas ou estratégia, a par com as questões da inteligência artificial ou de blockchain", entre outras tecnologias. Além disso, "tem um carácter eminentemente prático e aplicacional, recorrendo a casos de estudo e a aplicações e trabalhando diretamente com 'use cases' de empresas parceiras".

Com uma duração de um ano, o mestrado profissionalizante arranca em maio de 2022, terminando em maio de 2023. Lecionado em regime presencial, as sessões lectivas decorrem em regime pós-laboral e o trabalho final de tese é realizado numa empresa. Os participantes poderão compreender de que forma, empresas e demais organizações podem usar as tecnologias existentes e implementar uma estratégia digital, e em que medida essa transformação digital permitirá envolver pessoas e processos.



Foto cedida

"Por tudo isto, e porque é crítico apostar em formação para vencer no mundo do trabalho, este é o mestrado (e o grau de mestre) mais interessante para quem quer ganhar um ascendente no mundo

das tecnologias quando conjugadas com a gestão, diferenciando-se muito no mercado de trabalho pelas competências que irá adquirir", salienta.

O Iscte Executive Education po-

siciona-se na linha da frente das instituições de ensino superior que em Portugal estão mais atentas às novas tendências e tem desde cedo apostado forte e diferenciadamente nestas áreas. É nessa linha de inovação e de resposta que surge o novo mestrado.

"É altura de partilhar conhecimento e de passar ao mercado a necessária preparação para um futuro mais tecnológico: IoT, Blockchain, Big Data, AI e Machine Learning são, entre outras, tecnologias já muito dominadas e com desenvolvimentos suficientes para estruturar um corpo tecnológico coerente e robusto", salienta José Crespo de Carvalho. Destaca, por outro lado, "as grandes necessidades das empresas" em matérias de trabalho e liderança, de retenção e gestão de equipas e de pessoas e de soluções que permitam conjugar os lados humanos com os lados profissionais quaisquer que sejam os formatos de trabalho — híbrido, remoto, presencial. Um terceiro factor fundamental é, na perspectiva do presidente do Iscte Executive Education, "a enorme necessidade de conjugar tecnologias com pessoas e trazer para o centro da questão os novos modelos de negócio". Isto implica "o 'best of art' em processos e transformação de processos numa conjugação com a governança empresarial", salienta.

Coordenado por João Ferreira e Ruben Pereira, este mestrado promove o 'networking' amadurecido entre participantes e docentes dos mais diversos sectores de atividade, o que não deixa de ser igualmente muito relevante no mundo em que vivemos. ■

Breves

Pré-fabricação ajuda a cumprir metas ambientais da UE, diz estudo da UC



Vanessa Tavares concluiu, no âmbito da sua tese de doutoramento em sistemas sustentáveis de energia, que a pré-fabricação pode contribuir para atingir as metas ambientais da União Europeia e reduzir os custos de construção, aumentando assim a competitividade e sustentabilidade do sector. "Se optarmos por construir um edifício pré-fabricado e adaptado ao clima, podemos reduzir 40% de impactos incorporados nos edifícios e até menos 90% no final do ciclo de vida, com um consumo de energia semelhante na sua utilização", explicam Vanessa Tavares e Fausto Freire, professor do Departamento de Engenharia Mecânica da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e orientador da tese. A investigação teve a duração de três anos e comparou a construção pré-fabricada com a construção convencional, aos níveis ambiental e de custos, em Lisboa, Berlim e Estocolmo. O estudo envolveu a colaboração do MIT e acaba de ser publicado na revista Building and Environment.

Bolsas "milionárias" contemplam cinco investigadores em Portugal

A lista dos 397 contemplados pelo Conselho da Europa com as "Starting Grant" deste ano integra cinco investigadores em Portugal: Vera Aldeias, da Universidade do Algarve, Yonatan N. Gez, do Iscte - IUL, Sérgio Domingos, da Universidade de Coimbra, Susana Soares, da Rede de Química e de Tecnologia, e Manuel Souto, da Universidade de Aveiro. As bolsas totalizam 619 milhões de euros, dos quais cerca de 8,3 milhões virão para Portugal no que são as primeiras subvenções do European Research Council (ERC) atribuídas no âmbito do programa Horizonte Europa. As bolsas destinam-se a ajudar jovens investigadores a concretizarem ideias, lançarem projectos próprios e formarem equipas. Lançados em 2007, os concursos do ERC Starting Grant atribuíram a Portugal meia centena de bolsas.

UNIVERSITY AFFILIATION PROGRAM

Finance do ISEG é primeira licenciatura portuguesa no CFA

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

A boa nova chegou no último mês do ano: a licenciatura em Finance do ISEG passa a estar integrada no Affiliation Program do CFA Institute, associação mundial de profissionais de investimento. É mais um degrau no reconhecimento internacional do primeiro curso de finanças em Portugal a preparar os estudantes para obter a designação de "Chartered Financial Analyst" do CFA Institute.

A parceria entre a centenária escola do Quelhas e a CFA Society



Portugal permite que todos os anos um aluno beneficie de uma bolsa anual para o exame de CFA. Adicionalmente, os alunos terão acesso a workshops e eventos exclusivos sobre temas financeiros.

A licenciatura em Finance do ISEG proporciona um Dual Degree com a Kozminski University, na Polónia, uma parceria com a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para o ensino de uma língua estrangeira e uma segunda parceria com o BNP Paribas com vista a dar um complemento prático à formação académica e uma integração dos alunos no mercado de trabalho. ■